

A sustentação indispensável

MAIOR veemência não poderia haver: para o Ministro Mailson da Nóbrega, um novo congelamento de preços e salários equivaleria a "um suicídio econômico, político e social". Descartá-lo é, pois, questão de sobrevivência, a prevalecer sobre quaisquer especulações, ainda que o título de mero exercício de raciocínio: há problemas demais a reclamar ação, para que nos dediquemos a fantasias.

ESTAMOS ainda sob o rescaldo do Plano Cruzado, que desestruturou todo um sistema produtivo, enquanto malograva na tentativa de alcançar qualquer contenção do déficit público: este chegou, como atesta o Ministro da Fazenda, a 3,5% do PIB sob o Plano Cruzado e a 5,4% sob o Plano Bresser. Estamos refazendo, a duras penas, nosso relacionamento com o sistema financeiro internacional, rompido unilateralmente por uma moratória que foi tudo, menos afirmação de soberania: ninguém mais confundirá esta, sem mistificação, com aquela simples incapacidade de honrar compromissos.

A RECUPERAÇÃO tem sido tão difícil, que sequer se pode esperar que a inflação baixe, pelo menos até que comece a render seus frutos a disciplina implantada pela política econômica dos Ministros da Fazenda e do Planejamento nos gastos públicos. Até que vingue, em outras

palavras, o aprendizado do bom senso e do realismo econômico, do qual o congelamento de preços e salários, com suas promessas de inflação zero, manteve distância fatal.

DIFÍCIL a recuperação, mas não impossível, se houver determinação. E determinação é que não tem faltado aos Ministros João Batista de Abreu e Mailson da Nóbrega: uma determinação que começa a inverter o processo de desgaste generalizado, que a fuga pela fantasia e pela magia do Plano Cruzado desenca-deou.

ESTÁ AÍ o mercado reagindo; e, ao invés de proceder a remarcações preventivas (que fatalmente explodirão a qualquer aceno de novo congelamento), partindo para a reconquista do consumidor, através de uma competição por preços de seu interesse. Essa competição é a contraprova da ineficácia do autoritarismo e intervencionismo do congelamento: viu-se como o congelamento esgotou a oferta, deixando como saldo o acinte do ágio; e se vê agora como a competência do mercado livre pode conduzir ao reequilíbrio nos preços.

ESTÁ AÍ de volta, ainda, a credibilidade internacional, com os sinais já enviados ao Brasil, quer pelo Fundo Monetário Internacional, quer pelo Banco Mundial (Bird). Uma credibilidade que

tem seu ponto de apoio na seriedade da equipe econômica do Governo e na sua coragem ao adotar medidas coerentes com propósitos e intenções, mesmo sob condições políticas fortemente desfavoráveis.

DAÍ MONTAR a maquinário de suicídio, como enfatizou o Ministro da Fazenda, qualquer expectativa de um novo congelamento. Suicídio econômico, por ser mais uma rendição da razão e da ação ao engodo dos milagres e do messianismo. Suicídio social, por conter a negação de qualquer ordem econômica pactuada, substituída esta pelos truques e pela improvisação. E suicídio político, por ser a condenação do congelamento uma das raras unanimidades no Brasil atual; e uma unanimidade nada lisonjeira: os que falam de estelionato e os que se penitenciam pela ilusão se ligam ambos na convicção de ter sido ele um logro.

MAS suicídio político, hoje, por uma razão suplementar: quando uma política econômica desperta confiança, é sobre a reabilitação de toda a política — e dos políticos — que tal confiança se difunde. Assim, assistir passivamente à difusão de boatos e especulações sobre congelamento, ou ser conivente com o lançamento anônimo desses balões de ensaio será perder-se de sustentação indispensável: à política e ao Estado.